

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES
FACULDADE DE ARQUITETURA



FANZINE FEMINISTA *NOIZ*

Design como Ativismo

ANEXOS

Denise Kuperman

Trabalho de Projeto

Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas

Trabalho de projeto orientado pelo Professor Auxiliar Rogério Taveira

2019



MEU CORPO MINHAS REGRAS

O CORPO FEMININO É VISTO
COMO SEXUAL E OBSCENO
MESMO QUANDO INERTE.
É O OLHAR OBJETIFICADOR
DA SOCIEDADE QUE IMPÕE À MULHER
A SEXUALIZAÇÃO INDESEJADA DE SEU CORPO.

THE FEMALE BODY IS SEEN
AS SEXUAL AND OBSCENE
EVEN WHEN INERT.
IT IS THE OBJECTIFYING GAZE
OF SOCIETY THAT IMPOSES THE
UNDESIRED SEXUALISATION
OF WOMEN'S BODIES.

MY BODY MY RULES



Fotos: Barraco da Rosa.

ROSA LUZ

Conheci o trabalho de Rosa Luz através do documentário *Chega de Fiu Fiu!*, da ONG *Think Olga*, sobre assédio sexual nas cidades brasileiras. Mulher trans, negra, rapper, artista, comunicadora, nascida e criada na periferia de Brasília, Rosa criou o canal *Barraco da Rosa*² no YouTube. Lá ela fala sobre sua vida e transexualidade, e já possui mais de 32 mil seguidores. Mas o que mais chamou minha atenção foi sua performance³ corajosa em um dos lugares mais movimentados da capital brasileira, o terminal de autocarros de Brasília. Lá, ela para no meio de uma escadaria e remove sua blusa e sutiã, segurando as peças de roupa na mão, exibindo o peito nu. A performance traz à tona a desigualdade jurídica entre homens e mulheres. No Brasil, um homem pode andar pela rua com o torso nu, mas uma mulher que deixe os seios à mostra pode ser presa pelo crime de ato obsceno. Para ser considerado ato obsceno, é necessário que haja conotação sexual na ação do indivíduo, o que demonstra que o corpo feminino é visto como sexual e obsceno mesmo quando inerte. É o olhar objetificador da sociedade que impõe à mulher a sexualização indesejada de seu corpo. A segunda questão é a falta de reconhecimento jurídico do estado brasileiro de considerá-la mulher. Apesar de identificar-se como tal, ela não pode alterar seu gênero em documentos de identidade. Por possuir uma aparência que performa a feminilidade, ocorre um impasse: os seguranças do terminal não sabem como reagir. O Estado a reconhece como homem, e portanto ela não infringe nenhuma lei ao desnudar o torso em local público. Durante a performance, as pessoas que circulam no terminal interagem com a artista. Um homem a toca sem permissão, de maneira até violenta, explicitando a desumanização que o corpo feminino sofre no espaço público. Uma senhora invoca deus, e diz que ela corrompe crianças. Algumas mulheres a abraçam para demonstrar apoio. Em sua performance, Rosa Luz consegue explicitar o machismo, transfobia, homofobia, e a desigualdade de gêneros na ocupação do espaço público. ♥

¹ *Chega de Fiu Fiu!*: <https://bit.ly/2FvijWp>
² *Barraco da Rosa*: <https://bit.ly/2li0k1M>
³ Assista a performance: <https://bit.ly/2Miv6p6>



ROSA LUZ

I got to know Rosa Luz's work through the documentary *Chega de Fiu Fiu!* by NGO Think Olga, about sexual harassment in Brazilian cities. A black trans woman, rapper, artist and communicator who was born and raised in the outskirts of Brasília, Rosa created the YouTube channel *Barraco da Rosa*². There, she talks about her life and transsexuality to more than 32K followers. What attracted my attention the most, however, was her courageous performance³ in one of the busiest locations in the Brazilian capital, Brasília's bus terminal. There, she stops in the middle of a staircase and removes her top and bra, holding the clothes in her hand and revealing her naked chest. The performance sheds light on the legal inequality between men and women. In Brazil, a man can walk around with a naked torso, but a woman who shows her breasts can be arrested for committing an obscene act. To qualify as obscene, an individual's act needs to have a sexual connotation, which demonstrates how the female body is seen as sexual and obscene even when inert. It is the objectifying gaze of society that imposes the undesired sexualisation of women's bodies. The second issue is the lack of legal recognition of her womanhood by the Brazilian State. Although she identifies as a woman, she can't alter her gender in her identity documents. Because her appearance performs femininity, there's an impasse: the terminal's security guards don't know how to react. The State recognizes her as a man and therefore she is not violating any laws by stripping her torso in a public place. During the performance, people in the terminal interact with the artist. A man touches her without permission, in a somewhat violent way, revealing the dehumanization suffered by female body in the public sphere. An older lady calls upon God, accusing the artist of corrupting children. Some women hug her to show support. In her performance, Rosa Luz manages to reveal the machismo, transphobia, homophobia and gender inequality in how we are allowed to occupy the public space. ♥

¹ *Chega de Fiu Fiu!*: <https://bit.ly/2FvijWp>
² *Barraco da Rosa*: <https://bit.ly/2li0k1M>
³ Watch the performance: <https://bit.ly/2Miv6p6>



A OBJETIFICAÇÃO DO CORPO DA MULHER

Para John Berger¹, o início da construção da imagem objetificada da mulher (ou seja, a mulher vista como um objeto) ocorre na pintura à óleo renascentista europeia, onde artistas homens retratavam mulheres para espectadores homens. A representação da mulher através do *olhar masculino* moldou um padrão de comportamento e beleza que até hoje habita o inconsciente coletivo das sociedades ocidentais, e influenciou negativamente a autoestima das mulheres, que passaram a comparar-se à imagens irreais da fantasia masculina, e a reprimir seus corpos e sexualidades. A representação da mulher na publicidade, no cinema, na literatura, em videogames, em vídeos, etc., deriva dessa estrutura criada na pintura a óleo renascentista europeia, e apresenta construções estereotipadas de uma feminilidade imposta por homens, para seu próprio prazer visual e erótico. Por outro lado, o corpo nu feminino quando não está representado como um objeto sexual, formatado para o prazer visual masculino, gera incômodo, porque deixa transparecer a autonomia da mulher, sujeito ativo e independente. Imagens de mulheres seminuas, como propagandas de lingerie, ou de revistas masculinas, como *Playboy*, são aceitas e normalizadas, pois apresentam o estereótipo de gênero padrão: da mulher cuja sexualidade é formatada para a satisfação do macho. A mulher exibida como objeto é aceita e festejada, ao passo que quando representada como *sujeita*, gera revolta e violência. A mulher é reprimida ao desnudar o seio para amamentar, por exemplo, mas a exibição da sexualidade das prostitutas de rua é permitida, pois é direcionada ao espectador homem. O que incomoda não é a nudez feminina, mas para quem essa nudez é direcionada. Se o espectador for um homem heterossexual, então essa nudez é permitida.

Portanto, precisamos criar novas representações da feminilidade e do que é ser mulher, e romper com o que o *olhar masculino* determinou como correto e apropriado, senão estaremos para sempre condenadas a viver segundo parâmetros estabelecidos por outros, num livre arbítrio fictício, onde a ilusão de liberdade faz com que não enxerguemos as prisões que abraçamos e celebramos. ♡

* Assista: John Berger's *Ways of Seeing* >> <https://bit.ly/2U4hHz0>
¹ Berger, J. (2015). *Ways of Seeing*. In H. Robinson (Org.), *Feminism-art-theory: an anthology 1968-2014* (2nd Ed.). Malden, MA: Wiley Blackwell.



Rosa Luz. Foto: Tatiana Reis.

THE OBJECTIFICATION OF WOMEN'S BODIES

For John Berger¹, the construction of women's objectified image (in other words, of a woman seen as an object) began in the European Renaissance oil paintings, where male artists portrayed women for male spectators. The representation of women through the *male gaze* shaped a behaviour and beauty standard that inhabits the collective unconscious of Western societies to this day, and had a negative impact on women's self-esteem, since they started to compare themselves to the unrealistic images from men's fantasies, repressing their bodies and sexualities. The representation of women in advertising, cinema, literature, videogames and music videos, for example, derives from this structure created by the European Renaissance oil paintings, and presents a stereotyped and constructed femininity imposed by men for their own visual and erotic pleasure. On the other hand, the naked female body brings discomfort when it's not represented as a sexual object formatted for the visual male pleasure, because it reveals women's autonomy as active and independent subjects. Images of semi naked women, in lingerie commercials or the pages of men's magazines such as *Playboy*, are accepted and normalized because they represent the standard gender stereotype: of a woman whose sexuality is formatted for the male's satisfaction. The woman exhibited as an object is accepted and celebrated, while she attracts outrage and violence when represented as a subject. A woman is repressed when she bares her breast to breastfeed, for example, but the display of street prostitutes' sexualities is allowed since it's directed to the male spectator. What bothers is not the female nudity, but to whom this nudity is directed. If the spectator is a heterosexual man, this nudity is allowed.

We must create new representations of femininity and of what it means to be a woman, and break with what the *male gaze* established as correct and appropriate. Otherwise, we'll be forever condemned to live according to parameters determined by others, in a fictitious free will, where the illusion of freedom prevents us from seeing the prisons that we embrace and celebrate. ♡

* Watch: John Berger's *Ways of Seeing* >> <https://bit.ly/2U4hHz0>
¹ Berger, J. (2015). *Ways of Seeing*. In H. Robinson (Org.), *Feminism-art-theory: an anthology 1968-2014* (2nd Ed.). Malden, MA: Wiley Blackwell.

"HOMENS OLHAM MULHERES. MULHERES VÊEM-SE SENDO OLHADAS. ISSO DETERMINA NÃO APENAS A MAIORIA DAS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E MULHERES, MAS TAMBÉM A RELAÇÃO DAS MULHERES COM ELAS MESMAS. O FISCAL QUE ELA POSSUI DENTRO DE SI É DO SEXO MASCULINO: O SER FISCALIZADO, FEMININO. ASSIM, ELA SE TRANSFORMA EM UM OBJETO - E MAIS PARTICULARMENTE UM OBJETO DA VISÃO: UMA IMAGEM." (BERGER, 2015, P. 294)

NUNCA DEUS



Um fanzine feminista. Distribuição gratuita. Feito em Lisboa, Portugal. Mais info: www.fb.com/NOIZLisboa

A feminist fanzine. Free distribution. Made in Lisbon, Portugal. More at: www.fb.com/NOIZLisboa

Um projeto Denise Kuperman | denisekuperman.art.br | @ddkuperman
 Tradução: Julia Pap | Agradecimento: Thais Oliveira
 Editado em parceria com Sapata Press - Editorial Independente
sapatapress.tumblr.com
 500 exemplares | Brasil - Portugal | Fevereiro de 2019



ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Afinal o que são estereótipos de gênero? São ideias limitadoras que definem como devem ser e se comportar, homens e mulheres. "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" já diria Simone de Beauvoir em 1949, mostrando que "mulher" é um estereótipo ao qual as fêmeas da espécie humana se adequam, não instintivamente, mas por influência de outros, desde o seu nascimento. Essa interferência continua na vida e formação das crianças com o passar do tempo adquire um caráter natural, como se indivíduos do sexo feminino nascessem com uma predisposição genética à passividade, à trivialidade e à cor rosa. Assim, certas regras de feminilidade são estipuladas (cabelos compridos, calças justas, sapatos de salto alto, maquiagem, unhas compridas, passividade, falar baixo, etc.), e quem foge às regras é visto como *anormal* (que foge ou se afasta das normas e padrões). Estudo² divulgado em 2018, que compara Portugal aos outros países da União Europeia no quesito igualdade de gêneros, desde o início do século XXI até 2016, constatou que em todos os países da Europa as mulheres recebem salários mais baixos mesmo possuindo maior escolaridade, têm relações contratuais mais precárias, maior probabilidade de ficarem desempregadas, tendem a ser preteridas em processos de recrutamento se há um homem com currículo semelhante ao seu, e dedicam mais tempo às tarefas domésticas e ao cuidado da família do que os homens, situações essas que atingem todas as classes sociais. Representar-se como homem ou como mulher altera o posicionamento de determinado indivíduo na hierarquia social, visto que há uma desigualdade social entre os gêneros masculino e feminino, e uma ideologia de dominação que oprime as mulheres e favorece os homens. A manutenção dos privilégios do grupo dominante ocorre principalmente de forma subliminar, oculta no senso comum, não sendo percebida pela população como algo fabricado, mas sim natural e permanente, pois o grupo que domina os meios de produção, é responsável também pela produção da ideologia vigente. Pierre Bourdieu³ explica que essa ideologia de dominação, ou "violência simbólica", é aceita pelos dominados que não possuem consciência crítica, sem qualquer contestação, pois os instrumentos de conhecimento de que dispõem foram fornecidos pelos dominantes, e nada mais são do que a incorporação dessa dominação. Ou seja, se mulheres recebem salários mais baixos do que homens, e não percebem que isso é resultado de uma estrutura que as desvaloriza por causa do seu gênero, como poderemos alterar essa realidade, se ela nem sequer é identificada como injusta? Entender como as ideologias de dominação operam nas sociedades, ao subjugar certos grupos para que outros tenham e mantenham privilégios, é fundamental no combate às opressões. Como nota Grada Kilomba⁴: "[...] grupos oprimidos não tem motivação para o ativismo político por causa da falta de consciência sobre sua própria subordinação". ♡

¹ Beauvoir, S. de (1967). *O Segundo Sexo 2. A Experiência Vivida*. (S. Milliet, Trad.) (2^a ed.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
² Torres, A. (Org.). (2018). *Igualdade de gênero ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
³ Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. (M. H. Kuhnner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
⁴ Kilomba, G. (2010). *Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism*. (2^a ed.). Münster: Unrast Verlag.

GENDER STEREOTYPES

So, what are gender stereotypes? They are limiting ideas that define how men and women should be and behave. "One is not born, but rather becomes, a woman", said Simone de Beauvoir in 1949, showing that "woman" is a stereotype that human females adapt to since birth not instinctively, but by influence of others. This continuous interference on the life and development of children acquires a natural character over time, as if female individuals were born with a genetic predisposition for passivity, frivolity and the colour pink. This way, certain rules of femininity are prescribed (long hair, tight trousers, high heels, make up, long nails, passivity, quiet speaking, etc.) and those who deviate from these rules are seen as *abnormal* (deviating from the normal or average). A study² published in 2018 comparing Portugal to other European Union countries in the gender equality criterion from the start of the 21st century to 2016 revealed that, in every European country: women are paid less even though they have a higher level of education, have more precarious contractual relations, a higher probability of unemployment, tend to be overlooked in recruitment processes if there's a man with a similar CV, and spend more time on domestic tasks and family care than men — a situation that transcends social class. Representing yourself as a man or woman changes your position in the social hierarchy, since there's a social inequality between the male and female genders and a domination ideology that oppresses women and favours men. The preservation of the dominant groups' privileges happens mainly in a subliminal way, hidden within common sense, not noticed by the population as something fabricated, but as something natural and permanent. This occurs because the group who dominates the means of production is also in charge of producing the prevailing ideology. Pierre Bourdieu³ explains that this domination ideology, or "symbolic violence", is accepted without any contest by the dominated who don't possess a critical conscience, because the knowledge tools they hold were supplied by the dominant and are nothing more than the incorporation of this domination. That is to say, if women are paid less than men and don't realise that this is the result of a structure which devalues them because of their gender, how can we change this reality if it's not even identified as unfair? Understanding how the domination ideologies operate in societies, by subjugating certain groups so that others can have and maintain privileges, is fundamental to fight oppression. As Grada Kilomba⁴ notes: "[...] oppressed groups lack motivation for political activism because of a flawed consciousness of their own subordination". ♡

¹ Beauvoir, S. de (1967). *O Segundo Sexo 2. A Experiência Vivida*. (S. Milliet, Trad.) (2^a ed.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
² Torres, A. (Org.). (2018). *Igualdade de gênero ao longo da vida: Portugal no contexto europeu*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
³ Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. (M. H. Kuhnner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
⁴ Kilomba, G. (2010). *Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism*. (2^a ed.). Münster: Unrast Verlag.